

À MANEIRA DE ABERTURA

Uma manhã, não há muitos anos, estava eu na Livraria Bertrand do Chiado e entra um senhor de pronúncia estrangeira, que pede afoitamente o livro com a poesia cantada por Amália Rodrigues. O empregado ficou um bocado atrapalhado, acabando por dizer: “Amália e os seus Poetas, isso não há.” Logo acrescentando: “Mas temos outros, o José Afonso ou o Rui Reininho, tudo completo. Agora Amália não há, não existe. Pode procurar noutras livrarias, que não encontra em parte nenhuma.” O homem, cada vez mais incrédulo, exclamou já maldispuesto “Então de uma artista como a Amália Rodrigues não existe um livro com os versos que ela cantou!” E era verdade, não havia. E nem referiu o solícito atendedor que existia, isso sim, um livro com os versos que Amália escreveu e que até teve várias edições. Mas também não era isso que queria aquele senhor estrangeiro. Aquilo que julgo que verdadeiramente lhe interessava era ter um livro com *Povo que Lavas no Rio*, *Primavera* ou *Ai, Mouraria*.

Fiquei a pensar naquela cena. Era realmente incrível não ser possível comprar um livro com os Poetas que Amália cantou. E vai daí, passado algum tempo meti-me ao trabalho e o trabalho aqui está. Não é a primeira vez que me vejo neste tipo de situação. Quando todos os vestígios de uma arte tão viva mas tão efémera como o Teatro se andavam a perder irremediavelmente, meti-me ao trabalho e, a partir do zero, reuni boas vontades e vastas colecções. E o Museu Nacional do Teatro, inaugurado no dia 4 de Fevereiro de 1985, Dia de Garrett, aí está bem vivo, considerado um dos melhores do mundo no seu género.

Fui seu director durante dezanove anos, de 1982 a 2001, pondo nele toda a minha vida. Mas a vida não se tinha esgotado, outras vidas chamavam por mim. Depois vem a biografia de Amália Rodrigues, que parecia rodeada de obstáculos intransponíveis. Mas tinha de ser feita. Trabalhei nela de 1982 a 1987, e juro que trabalhei muito, mas consegui conquistar a confiança de Amália e a sua mais plena amizade. E a *Biografia* foi feita, e agora todos a copiam, sinal que está bem-feita, se não sinal de pouca honestidade.

Em 1997, consegui inteiramente por minha iniciativa, devo confessar, que fosse publicado o livro *Versos*, reunindo quase tudo quanto Amália escrevera, através dos anos. Primeiro arranji um óptimo editor, André Jorge da Cotovia. Depois, uma noite a seguir ao jantar, consegui ficar sozinho com Amália, o que era difícil naquela casa sempre com tanta gente. Expus-lhe a ideia e ela ficou de início, um pouco incrédula: “Mas acha que vale a pena?” No fim, creio bem que gostou de ter um livro da sua autoria. Infelizmente eu estava doente e não pude ir ao lançamento do livro, no Mosteiro dos Jerónimos, numa invernosa noite fria de 23 de Outubro de 1997. Amália mandou carinhosamente entregar-me o primeiro exemplar que lhe levaram, com uma muito sentida dedicatória, livro que tenho neste momento comigo. Estava eu a recuperar de várias pneumonias, na casa do meu amigo Francisco Baptista Russo. Mas tudo isso ultrapassei.

Trata-se este presente livro, devo esclarecer, de um panorama da conjugação de Amália Rodrigues com poetas de língua portuguesa que cantou e gravou. Trabalhei neste livro largos anos. E socorri-me de uma certa organização que julgo ser clara, muito pensada, mas que é a minha. Como já não tenho Amália para me dar a sua sempre doura opinião, assumo-a inteiramente. E como durante tantos anos fui tão próximo de Amália, foram tantas e tão longas as conversas, há muito de inédito neste livro, no qual Amália esteve sempre presente na minha memória.

Este livro deve muito ao David Ferreira, que não só sempre acreditou nele, como teve a ousadia de anunciar a sua edição em 2010, quando era apenas uma ideia vaga na minha cabeça, e ajudou depois a concretizá-lo. David, este livro é para si, foi pela sua vontade que ele se fez. Obrigado por ter tanta confiança em mim.

O meu irmão, mais novo seis anos do que eu, Pedro Rafael Pavão dos Santos, antes jornalista de bom nome hoje “um acabado escolar”, como diria Garrett, com graus académicos bem superiores aos meus, também ajudou sempre que eu precisei dele. Foi por causa do Pedro que escrevi imenso para os jornais, a partir de 1977, sobre coisas de que gosto: teatro, cinema, ballet, viagens, alguma História. Até consegui um certo nome, que depois me deu credibilidade e ajudou a erguer o Museu Nacional do Teatro. E fui também um compenetrado crítico teatral, bastante contestado, diga-se. De nada me arrependo, sei que fui justo.

Alguma coisa este livro deve aos trabalhos pioneiros de Rui Vieira Nery, cuja leitura aconselho vivamente. Para chegar a bom termo esta empresa, foi preciosa a colaboração de Frederico Santiago, que me trouxe muitas gravações de Amália que eu desconhecia, nem ninguém conhece, e que clamam ser divulgadas. Sem a contribuição do Frederico este livro seria bem mais pobre. A outra grande colaboração foi de Leonilde Henriques, a Lili que eu sempre conheci junto de

Amália e a ela indispensável. A sua memória privilegiada, a sua clara inteligência foram determinantes para construir este livro.

Devo ainda dizer que sempre que possível se apresentam os poemas que, de algum modo, originaram as cantigas. Quando os poemas persistem mas não foram integralmente cantados, há parêntesis a assinalar o que ficou por cantar. Lidos com atenção esses cortes, ressalta deles a tão profunda sensibilidade poética quer primeiro de Amália sozinha, quer depois de 1960, colaborando com Alain Oulman, quer para o fim novamente sozinha.

Vai longa a abertura, que no teatro apenas aguça no público o desejo que o pano se levante. Só espero que tenham tanto prazer em ler este livro como eu tive ao escrevê-lo. Com a bênção de Amália tudo se consegue. Assim seja.

Lisboa, 23 de Julho de 2014.

Vítor Pavão dos Santos

30 de Novembro de 1946. Adega Machado. Noite alta na comemoração do centenário da morte da Severa. Amália chega tarde, de smoking, e transfigura-se no seu cantar. Reportagem em *O Século Ilustrado*, de 7 de Dezembro de 1946.



I
HOJE DURMO ONDE ELE DORME
OS POETAS DO FADO

Joaquim José de Lima

Francisco dos Santos

Joaquim Frederico de Brito

João da Mata

Martinho da Assunção, Pai

Carlos Conde

Avelino de Sousa

Pedro Teotónio Pereira

Armando Neves

Gabriel de Oliveira

Jaime Santos

Joaquim Pimentel

Moniz Trindade

Fernando Farinha

João Linhares Barbosa



1944. Festa na Adega Machado com serpentinas e balões. Ao lado de Amália, batendo palmas, D. Tomás de Melo (Tom), artista de muitas artes e autor da decoração desta casa.



1954. Adega Mesquita. Amália de mão dada com o grande amigo Domingos Mesquita, o proprietário da casa. Foto de Carlos Nunes.



1950. Amália de braço dado com Jaime Santos (guitarrista) e Santos Moreira (viola), seus grandes acompanhadores, em 1952, na primeira aparição em Nova Iorque, amigos certos durante muitos anos.



1954. Amália na sua casa na Rua de S. Bernardo, recebe o envelhecido poeta Linhares Barbosa e o fadista Carlos Ramos. Foto de Arte Color.



Amália e o viola Armando Machado, num desenho carregado de ambiente de Pedro Leitão, obra que decorou longamente a Adega Machado, assinado e datado de 1945.

Em 1935, Amália Rodrigues saiu na Marcha de Alcântara, ensaiada pelo músico amador do bairro, Joaquim José de Lima, que gostava também de versejar, usando o nome anagramático da Amil (Lima). Era o grande dinamizador da vida bairrista, que organizava passeios ao domingo à Trafaria, que se pagavam aos bochechos, de semana a semana. Talvez tenha sido essa a primeira vez que a voz da tão jovem Amália, nem quinze anos tinha, se revelou em toda a sua pujança, pois logo o tal ensaiador fez dela também solista da Marcha de Alcântara, tendo como par um rapaz chamado Bertier, e deu-lhe para cantar, como solo, o *Fado de Alcântara*, um fado do teatro, criado por Margarida de Almeida na revista *Fado Liró*, estreada no Teatro Variedades em 14 de Abril de 1928, e que fora um imenso sucesso.

Ora o fantástico da história é que esse fado orquestrado, que Amália cantou no desfile pela Avenida da Liberdade para milhares de lisboetas, entusiasmados já com aquela inconfundível voz juvenil, e que depois repetiu por verbenas, arraiais e festas populares, era da autoria de José Galhardo e Raul Ferrão, dois autores que, nem passados dez escassos anos, viriam a ter tão grande e profunda associação com a carreira fulgurante de Amália. Um encontro providencial que é, pode bem afirmar-se, o princípio de tudo, da trajectória fabulosa que se iniciava numa marcha da rua, com milhares de espectadores, onde a voz de excepção se salientava. Quanto a José Galhardo, será abundantemente falado quando chegarmos aos *Fados Orquestrados*. Começemos então pelo princípio, ou seja a primeira grande actuação pública.

ENTREI NA VIDA A CANTAR

Amália da Piedade Rodrigues nasceu em Lisboa, em 23 de Julho de 1920, e nasceu em Lisboa por acaso, pois a família era toda da Beira Baixa, dos arredores do Fundão. E viveu com os avós maternos dos catorze meses aos catorze anos. E nasceu em Lisboa porque os pais tinham vindo tentar a sorte na grande cidade, em casa desses avós maternos, que habitavam Lisboa há algum tempo, já que a avó resolvera tirar o marido do inferno do jogo. Mas os pais de Amália deixaram quatro filhos, tudo rapazes, lá na terra. E, sem sorte, voltaram para o Fundão, onde a muita família sempre ajudava a ganhar a vida, e deixaram a menina em Lisboa, com os avós. Mais tarde, já com mais duas filhas, tudo raparigas, a Celeste e a Aninhas, fixaram-se também eles em Lisboa, e em 1936, um pouco tardiamente, havia de nascer uma outra rapariga, a Odete, chamada Detinha.

Mas Amália mal conhecia esta parte da família, pois estava ainda a viver com os avós muito idosos, a avó, Ana do Rosário Bento, mulher muito seca sem lhe dar nenhum carinho, ela que criara já dezoito filhos. Então, vendo aquela casa dos pais cheia de gente nova, com a irmã Celeste tão próxima, de quem gostava tanto moravam então na Graça, Amália enfrentou a ira da avó e decidiu-se, foi-se mesmo embora e em 1934, passou a viver com os pais, todos morando sempre pelos bairros operários ribeirinhos, sobretudo em Alcântara. O tempo passou, passaram muitas profissões humildes, até que, na Primavera de 1939, Amália começou a cantar nos retiros fadistas. Mas cantava de uma maneira diferente, disseram até, ao princípio de ela cantar, que eram fados à espanhola. Muitas vezes Amália me falou disso.

E Amália até gostava de explicar: “A influência que tinha, sem que os outros dissesse apercebessem, era da Beira Baixa. Daquelas ondas que o povo da Beira Baixa põe na voz quando canta. Não sei se será do trigo, porque lá não há mar, mas deve ser do trigo e do milho grosso. Aprendi a cantar em casa, com a minha mãe e as minhas tias. Além disso, trazia dentro de mim o sangue e a raça daquela gente. Sim, porque toda a minha família mais chegada, e lá muito para trás, não sei até onde porque os pobres não se preocupam com a árvore genealógica, é, era gente beiroa. Ganhei pois o jeito que havia nas canções da Beira Baixa que ouvia à minha mãe e às minhas tias, coisas do folclore, mas como nasci em Lisboa transportei essa forma de cantar para o fado. Daí a acusação que eu cantava à espanhola. Mas hoje já não há ninguém, à excepção desses cantores antigos que já mencionei [Alfredo Marceneiro e Hermínia Silva], que não tenha qualquer coisa minha” (in *O Século Ilustrado*, 24 de Junho de 1968). “Vivia numa aldeia dentro da cidade [talvez o Pátio dos Quintalinhos, à Calçada das Necessidades]. A única coisa que tinha ao pé da porta era o fado. Conheci Alfama nas cantigas, antes mesmo de conhecer Alfama. Não tínhamos rádio, eu ouvia cantar as vizinhas, os cegos dos folhetos. Com nove anos já tinha umas poesias que adaptava às cantigas. Foi o fado, porque estava no meu modo de ser...” (in *Dimensão*, de Outubro de 1985). “O fado é, para mim, aquilo que eu canto. Para os outros fadistas é aquilo que eles cantarem. Acho que o fado não pode ter definições. Como cada pessoa nasceu com o seu próprio fado e este só existe verdadeiramente quando a própria o canta com verdade, com sinceridade. O meu fado é diferente do fado das outras pessoas – é um fado que só eu posso cantar, como cada qual só pode – e deve – cantar o seu fado.” (in *Rádio & Televisão*, de 5 de Dezembro de 1970).

Quando se estreou, no Retiro da Severa, em Junho de 1939, e estreou-se porque: “Havia um vizinho nosso que dizia sempre: «Eu conheço um rapaz que toca viola no Retiro da Severa [Santos Moreira] e a Amália há-de ir lá cantar»”, Amália Rodrigues, que há pouco se decidira ser Amália Rodrigues e não Amália Rebordão, como

antes, como amadora se intitulava, usando o mais sonante apelido da mãe, tal como fazia o seu irmão boxeur profissional, Filipe Rebordão, venceu o preconceito da família que era muito pobre mas achava que cantar o fado era a perdição. E não tinha reportório, embora a sua fama se tivesse espalhado por Alcântara toda e já era conhecida em festas e verbenas de outros bairros. Porém, nem um vestido apropriado tinha para se estrear como fadista, foi escolhê-lo com a mulher do empresário do Retiro da Severa, Jorge Soriano, parece que era às ricas, muito leve, castanho e amarelo, nunca consegui que a memória de Amália fosse tão fundo, e pagou-o depois com o seu primeiro ordenado. Como reportório, apenas tinha dois ou três fados, que esse poeta popular de Alcântara, Joaquim José de Lima, lhe escrevera.

E, no entanto, o grande guitarrista Armando Freire, o Armandinho (1891-1947), o mais popular que houve em Portugal, quis ouvi-la. E teve de ser na cave do Retiro da Severa, que em cima estavam os fregueses e mal ela começou a cantar as pessoas que estavam nas mesas do retiro ficaram logo perturbadas por aquela voz e começaram a descer, desceu a clientela toda. E Armandinho adivinhou-lhe logo o génio, assim como a grande vedeta do fado de então Ercília Costa (1902-1985), também a aplaudiu.

Eram principalmente três esses fados do reportório de Amália Rodrigues. Havia um que dizia: “Sou Amália Rebordão / Uma nova cantadeira / Por amar esta canção / / Da raiz do coração / Sou fadista verdadeira.” E outro, que era assim: “Não sou mulher piegas nem medrosa / detesto o pessimismo, podeis crer / Sou meiga, sou sensível, carinhosa / Mas prefiro quebrar do que torcer.” E havia também um, no Fado Mouraria: “Com alma e galhardia / gemidinho até mais não / Era assim o Mouraria / / nos tempos que já lá vão.” E agradou logo tanto na primeira noite, que mesmo não tendo reportório, teve de repetir estes três fados, já que ninguém queria desistir de continuar a ouvir Amália Rodrigues.

E Amália, apenas como vedeta do seu bairro, tivera até direito a fados de circunstância, que cantava com a sua já extraordinária voz que a todos arrebatava, em festas de Alcântara, sobretudo composições da autoria desse persistente Joaquim José de Lima, talvez o primeiro a adivinhar o poder daquela voz.

Voltemos ao ano de 1938. Márcia Condessa (1915-2006), fadista depois destinada a uma boa carreira, com Casa de Fados própria e muito frequentada, a Márcia, bem estabelecida durante anos na Praça da Alegria, no prédio do Hot Club, foi ela a Rainha do Fado de 1938, candidata pelo bairro da Bica, num concurso organizado, através de vários bairros, pela *Canção do Sul*, jornal fadista, destinado a escolher a melhor cantadeira amadora de Lisboa. Disse Amália: “Não sei se sou fadista, se não sou. Era pequenina e cantava. Um dia disseram-me que aquilo era fado. Disseram-me